desleituras
Número 7
nov./dez. 2021

NO ESPELHO DE *DESPALAVRARES*

Rodrigo Costa Araujo
Mestre em Ciências da Arte (UFF)
E-mail: profrodrigopuc@hotmail.com

Despalavrares (2021), de Wilbett Oliveira, é como o próprio título paratextual e no plural encaminha uma lição de poesia. É também jogo, pergunta que se justifica como espelho e de onde o poeta tira suas lições. O título é sugestivo porque direciona e está diretamente relacionado com um projeto estético de Wilbett, uma vez que expõe, de maneira criativa, um roteiro de possibilidades para o leitor compreender a própria palavra e suas manifestações do belo. Esse roteiro confirma, como nas palavras de Paul Celan, que "a poesia não se impõe, expõe-se".[1]

despalavras
respalavras
reles palavras
res da larva rara
palavrares
alás valhallas
larvas searas
serpalavras
empalavrecer

[1] CELAN, Paul. *Arte poética*. Cotovia. Lisboa. 2017. p. 1. (epígrafe da obra).

A "palavra" recriada e ao mesmo tempo negada do título difere de uma análise objetiva e busca combinar o sensitivo, o intuitivo e a imaginação pela metalinguagem. Dessas combinações surge a força que arrebata para longe do poema em fazer a palavra falar por imagens ou ser mesmo imagem materializada.

A poesia é vista, então, como um desvio mais ou menos convencionalmente estruturado que questiona a norma e propõe uma nova visão de mundo pelas suas metáforas.

Do título da obra, surgem "despalavras", "respalavras", "reles palavras", "palavrares", "serpalavras, "empalavrecer". A palavra como significante é metáfora e desvio, criação linguística, invenção, estatuto do poético, desviado do sentido dicionarizado, considerado normal, pois acredita que, para se perceber a essência do poético, é preciso (des)inventar a maneira tradicional de ler e escrever, subvertendo a linguagem. O jogo da poesia é este: opor, contrapor, inverter, distorcer para criar.

Desaprender o mundo (da palavra?) existente é assimilar o mundo inventado, refeito, reescrito. As lições desse desaprendizado da palavra passa pela desinvenção daquilo que já está sedimentado na leitura, no léxico, na linha da escrita.

A fabricação do poeta, pelo seu discurso, considera a deformação da palavra para destruir os clichês e as formas estereotipadas que automatizam o processo de percepção. O que se confirma nos seguintes versos:

o poema no desarrumar
da vida
no eterno deslimite:
forma que se quer forma

nas faces do sublime:
tear in-dizível

nas faces de um único mundo:
di-versos

Com a metalinguagem, o poeta "desarruma" a vida, a leitura dela e a própria poesia. As metáforas conduzem, pelos neologismos, a reinvenção da poesia que adquire faces, formas, visibilidade do tear. Nas combinações de palavras, o poema ganha toque, voz, traços, deslimites, "faces do sublime".

Wilbett Oliveira consagra palavra com a palavra. Suas "despalavras" e seus poemas constroem-se contemplando ativamente a sua construção, sua tessitura. Ela volta, como espelho, sobre si mesma, inúmeras vezes. Repetindo-se, ela quer configurar variadas formas.

Olhando-se no espelho da escrita, a palavra coabitada pelo poeta "desarrumador" estabelece relações criativas e obsessivas com ela mesma. Nesse exercício e brincadeira, reflexo espelhístico e, também, no uso dos dois pontos como recurso estilístico, possibilitam ao poeta dialogar com a realidade aparente das coisas, dialogar, inclusive, com a própria língua.

Isso também funciona como autorreflexão sobre o fazer poético:

numa escritura de sombra:
tinta

na dormência da cidade:
versos enclausurados

na linguagem em silêncio que respira:
canaviais

nas paixões desperdiçadas:
dizeres

nos sopros poéticos das cidades:
utopia

na cal da palavra ingênua:
labuta

no tear da palavra:
poema

A poesia wilbettiana, semelhante a Mallarmé, constrói das indagações sobre si mesma uma fonte de criação. O poema desnuda-se em frente ao leitor e o mistério das palavras que se atraem pelo som ou pelo sentido. O verso perfeito e a imagem iluminadora revelam-se como trabalho de uma consciência criadora, que imprime os sinais de modernidade em sua lírica. Ela, pela sua criação e combinações, se deixa lê, relê e, também, rescrever-se, propositalmente, no seu discurso, a tradição da literatura. As constantes da lírica, então, constituem o seu próprio processo de construção que coloca em evidência a linguagem e a sua relação com a realidade:

esses versos miudinhos diversos
de tudo
em que sou um lugar ermo
me dão a salvação do mundo

Pela metalinguagem, o eu-lírico "a ermo" vai explicando o seu código. Sugere ao leitor refletir sobre o fazer-poético, embora, às vezes, como um código às avessas, mas que tem a força da criação em "seus versos miudinhos" e na sua salvação. Os relevos dos significantes captam as sutilezas e simplicidade das coisas em suas imagens e paisagens que se sobressaem.

Não ficam de fora, nesse processo, os paratextos da obra, que encaminham, de alguma forma, uma recepção sugerida. Eles funcionam como portas de entrada que a prolongam, a partir de seus invólucros, "têm as funções de apresentar e presentificar, torná-la presente, assegurando sua recepção".[2]

A capa de *Despalavrares*, em tons de lilás e roxo, - com o significante-título desmembrado em três palavras - "des"; "palavra" e "res" assumem-se como jogo, montagem, brincadeira visual, experimento, recriação. Na contracapa, o professor Dr. Joel Cardoso reforça as sutilezas e silêncios da poesia wilbettiana. O elegante prefácio-apresentação de Professor Dr. Arturo Gouveia faz ecoar leituras inaugurais que podem ser tomadas como luz-guia para o leitor desavisado.

As palavras que são "salvação do mundo" assumem, aos dedos de Wilbett, a busca por uma estética do original, a redenção das coisas simples e da própria poesia. Feito pavão misterioso, as palavras, pela voz do eu lírico, percorrem as cores e o caminho que passam pela exaltação do íntimo. Elas são cartilhas de desaprendizagem criativa, e remetem à questão das intimidades das coisas, das quais o sujeito comum não consegue compartilhar, como nos versos:

a poesia plasma
na passagem dos lamentos:

da vida que se pesa todo dia

Despalavrares é uma poesia para ela mesma. Plasma na paisagem de si os lamentos que pesam na vida. Por

[2] ARAUJO, Rodrigo da C. De textos e paratextos. *Palimpsesto*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, n. 10. ano 9, 2010, p. 1-5.

isso mesmo, a vida é recriada por ela, é refeita, reescrita na fusão do grandioso com o miúdo, na união poética dos seres e das paisagens compartilhadas pelo homem quando ele faz suas primeiras pequenas descobertas. A poesia wilbettiana é a observação da palavra na sua experimentação com o tempo, com o olhar que nomeia as coisas, poetizando-as, em gestos sutis.

Wilbett ocupa-se e diverte-se com o fragmento e com o universo em miniatura que encerra em si mesmo o valor imaginário. Às vezes, um único verso é o poema que ecoa a voz de Pessoa na página, e, por isso, e muito mais confirma que "sou o meu próprio desassossego". O verso que é poema, na sua unidade, capta o mundo no diminutivo, mas o eleva a um patamar consagrado do poeta português.

Ao "desescrever" a palavra, a poesia de Wilbett aspira a um exercício de liberdade em que o devaneio, algumas vezes, possibilita ao leitor conhecer a linguagem sem censura. Por isso, a leitura o convida em estado de devaneio. Devaneio que sugere perceber, por sua vez, a sugestão numa poesia transformada em imagens habituais para que possam representar um outro mundo, conduzido por uma linguagem que desperta todos os sentidos.

Os versos curtos, a poesia miúda, os jogos de significantes são, pela metapoesia, brincadeiras, estratégias lúdicas. O ato de brincar é concebido como uma atividade imaginativa cuja base é a manipulação das imagens. Jogo e poesia assumem-se como arte combinatória em que o inesperado revela um impulso para o insólito. Peixes, espelhos, duplicidades, vazios e olhares descortinam e despistam a intenção de voltar nas imagens, de brincar com as palavras nas suas visualidades e no faz-de-conta verbal.

Os espaços nas páginas, entre as palavras, desde o título da obra na capa, marcam o diálogo com a poesia

que instaura um discurso produtor. Neles e com eles, os espaços, feito a poética de mallarmeana, produzem inquietações, conjugam letra e imagem, poesia e desenho que deseja ser. O poeta, com essas estratégias, é antes de tudo um inventor, aquele que faz da palavra os artifícios, neologismos inesperados, fascinação pelo novo que nasce naquele instante.

As palavras-desenhos e a inovação vocabular reforçam o laborioso trabalho artesanal com a linguagem. Elas dão uma nova roupagem para a poesia que resulta num estilo que, às vezes, causa estranhamento. Mas o que não seria a poesia dos estranhamentos que ela causa? Há, em Wilbett, um típico laboratório vocabular em que o poeta busca novas dimensões linguísticas, tropeços das palavras, das imagens, da sintaxe e dos silêncios. O poético deforma o mundo para apresentar seus *despalavrares,* seus delicados estranhamentos.

O neologismo que nomeia a obra, além de reforçar as errância do eu-lírico e suas transgressões, se fundamenta na soberania da palavra como trabalho poético. Ao ler *despalavrares* fica a sensação de uma preocupação da linguagem manifestada pelo desejo de recuperar a alma da palavra. Por meio desse exercício metalinguístico, ela é ao mesmo tempo objeto de análise e instrumento de reflexão. Poesia é palavra, palavra é poesia para ver, pensar, refletir.

Outra sensação que a leitura promove, em *despalavrares*, são as repetições: da palavra; das transformações que ela promove; das representações; imagens; traços sintéticos das figuras. Poesia e repetição, poesia e palavra, poesia e transfiguração. A poesia repete, a escrita wilbettiana multiplica.

Dos intertextos, a poesia wilbettiana bebe na fonte de Mallarmé, com os espaços entre as palavras e na

página. De Rimbaud, ela herdou os desregramentos dos sentidos. De Fernando Pessoa, a multiplicidade dos heterônimos. De Manoel de Barros, a plasticidade e transgressões linguísticas. De Barthes, o prazer do texto. O poeta e a poesia são reiterações, lembranças, espelhos diversos, reflexos que se multiplicam e se repetem de forma poética e infinitamente.

Despalavrares, de Wilbett Oliveira, confessa gestos de poesia em diferentes modos de existir do homem; nas maneiras que definem a essência de cada ser e a própria poesia. Nele, a poesia manifesta murmúrios e rumores verbais. Descola os olhos do leitor sensível da esquerda para a direita e na superfície branca do papel, junta letras formando palavras, buscando sentidos, compondo paisagens e desenhos. A poesia, definitivamente, para Wilbett, habita a palavra, tornando "despalavra", "respalavras", "serpalavras" - empalavreceamento. A poesia é algum ponto que nunca será o final.

Referência:

OLIVEIRA, Wilbett. *Despalavrares*. Cotia. São Paulo. Editora Cajuína. 2021. 72 p.